

# Artigo 3

Tema

**LINGUAGEM NÃO-VERBAL**

## **GESTOS NÃO-VERBAIS ESPONTÂNEOS E CANAIS DE EXPRESSÃO EMOCIONAL VOLUNTÁRIA EM DEFICIENTES VISUAIS**

*Antonieta Ribeiro da Silva Prates Castanho*

*Ana Carolina Basílio Moitre*

*Elisa Severiano*

*Vanessa Rocha Ribeiro*

## RESUMO

A linguagem não-verbal compreende expressões faciais de emoções, paralinguagem, gestos e posturas corporais, distância interpessoal e toque. Estes gestos são pouco estudados em deficientes visuais, exceto nos trabalhos que evidenciam o caráter inato das expressões emocionais na face. Este trabalho avaliou a habilidade não-verbal espontânea e voluntária, discriminando os sinais faciais, vocais e corporais, em duas faixas etárias (6 e 13 anos) de deficientes visuais, arranjados em duplas e em situações apropriadas às idades. O desempenho não-verbal apresentou particularidades em função do tipo de tarefa solicitada e da idade dos participantes.

Palavras-chave: Comunicação não-verbal, expressões de emoções básicas, deficiência visual (cegueira ou visão subnormal).

## ABSTRACT

*The nonverbal language consists of facial expressions of emotions, paralinguage, bodily gestures and postures, interpersonal distance and touch. Such gestures have been little studied in the vision-impaired, except in researches that evidence the innate character of emotional expressions on the face. This work has evaluated the spontaneous and voluntary nonverbal ability, by discriminating facial, vocal and bodily signals in two age ranges (6 and 13 years) of visually-impaired children, arranged in pairs and in situations appropriate to their ages. The nonverbal performance showed particularities in accordance with the kind of the task requested and the partakers' ages.*

Key-words: nonverbal communication, expressions of basic emotions, visual impairment (blindness and low vision).

## INTRODUÇÃO

*A comunicação não-verbal dos deficientes visuais tem merecido poucas pesquisas, apesar de sua importante função nas interações sociais cotidianas. Como o indivíduo fala (tom de voz, pausas, turnos de conversa) e como ele se expressa emocionalmente na face e no corpo formam um todo organizado, uma linguagem não-verbal que mostra intenções e sentimentos de quem a expressa e que regula as relações interpessoais (Argyle,1988; Ekman e Friesen, 1969; Wallbott et al., 1986).*

A literatura sobre a linguagem não-verbal refere-se à deficiência visual apenas para evidenciar o caráter inato das expressões faciais de emoções, isto é, para mostrar que o cego congênito exhibe emoções na face embora não

tenha pistas visuais (Eilb-Eibesfeldt, 1989). A ausência dessas pistas visuais promoveria também uma maior variabilidade nas expressões faciais de emoções e uma redução dessas atividades por não haver estimulação reforçadora visual e não ter modelagem visual (Tompson, 1941). Erin et al. (1991), revendo trabalhos de habilidades sociais treináveis no deficiente visual, propuseram um treino de comportamentos não-verbais para produzir uma melhoria comunicativa.

Castanho (1996) mostrou que a capacidade de crianças deficientes visuais (idade média de 10 anos) expressarem voluntariamente, na face, alegria, tristeza, raiva e nojo foi similar, em termos da quantidade de indivíduos, à de crianças videntes que estudavam na mesma escola e nas mesmas classes e que tinham a mesma idade. Nesta pesquisa houve um déficit expressivo facial no medo, desprezo e surpresa quanto ao número de crianças deficientes que produziram voluntariamente essas emoções em relação ao de videntes. O sorriso falso desses deficientes visuais, pouco estilizado enquanto gesto regulativo das interações sociais, foi percebido como significativamente artificial por avaliadores (Castanho e Otta, 1999).

A comunicação não-verbal é constituída de gestos espontâneos expressivos, ou automáticos, ou deliberadamente produzidos, visando uma melhor habilidade social. Esses resultados sugeriram preponderância da espontaneidade do sorriso em detrimento da habilidade de produção do sorriso falso ou mentiroso. Foi verificado que movimentos corporais expressivos de tristeza e raiva acompanharam as suas expressões faciais, em maior grau nos deficientes visuais que nos videntes, porém de forma não-significativa estatisticamente. Outros grupos de deficientes visuais precisam ser mais bem avaliados em suas habilidades comunicativas não-verbais.

O presente trabalho objetivou o estudo da capacidade expressiva emocional espontânea e voluntária de deficientes visuais, cegos e com visão subnormal, em duas faixas etárias: crianças no jardim de infância (6 anos) e adolescentes (13 anos), estudantes do Instituto Benjamin Constant, Rio de Janeiro, RJ, que educa somente deficientes visuais.

## **MÉTODO**

**Participantes:** doze crianças (idade média: 5,6 anos e desvio padrão = + 0,9 anos), 4 cegos e 6 com visão subnormal, e doze adolescentes com visão subnormal (idade média: 13,2 anos e desvio padrão = + 2,1 anos).

**Procedimento:** os participantes de ambos os grupos foram arranjados em duplas. As crianças ouviram a história do Chapeuzinho Vermelho, que serviu de contexto para as produções de emoções básicas de alegria, surpresa, medo, nojo, raiva e tristeza. As duplas de adolescentes conversaram com a experimentadora sobre o tema “o namoro e o ‘ficar’ ”, durante 5 minutos e logo após foi pedido que produzissem emoções básicas a partir de uma

descrição do evento emocional correspondente. Todas as sessões foram filmadas e os comportamentos não-verbais foram analisados por um único juiz.

### **Comportamentos não-verbais registrados:**

a) expressões faciais de emoções básicas, de alegria, surpresa, medo, nojo, raiva e tristeza, de acordo com o Sistema de Codificação das Ações Faciais (Ekman & Friesen, 1978); sorriso (Otta, 1994);

b) gestos ilustradores que acompanham a fala, com as mãos e braços que são chamados de sinais-batuta; gestos reguladores da fala (meneio de cabeça expressando consentimento);

c) movimentos do corpo;

d) toque: tocar o outro;

e) inclinação da cabeça (para a frente, para trás e para o lado), virar a cabeça para o lado do parceiro e para o outro lado, oposto ao do parceiro (Argyle, 1988; Ekman e Friesen, 1969).

**Indução de emoções básicas:** foram dadas dicas, para os adolescentes, referentes à descrição de situações que pudessem evocar cada uma das emoções:

a) vamos nos lembrar de coisas alegres - um presente superlegal, uma nota boa e que mais?;

***b) agora é surpresa - quando a gente encontra uma pessoa muito querida que não vemos há muito tempo (que bom te ver!, que mais?);***

c) agora é nojento - uma cuspidinha, alguém espirra em cima de você, uma coisa melequenta, mole e escorregadia em que vocês, sem querer, pisaram ou puseram a mão - que mais?;

d) vocês sentem medo do quê? - de cachorro bravo? - de ladrão? - de que mais?;

e) agora é tristeza - quando vocês querem ir a algum lugar que adoram e a sua mãe não deixa - que mais?;

f) agora é vontade de bater ou de brigar com seu colega ou seu irmão (você tem irmãos?) - quando ele faz alguma coisa errada e põe a culpa em vocês - que mais? (Castanho, 1996).

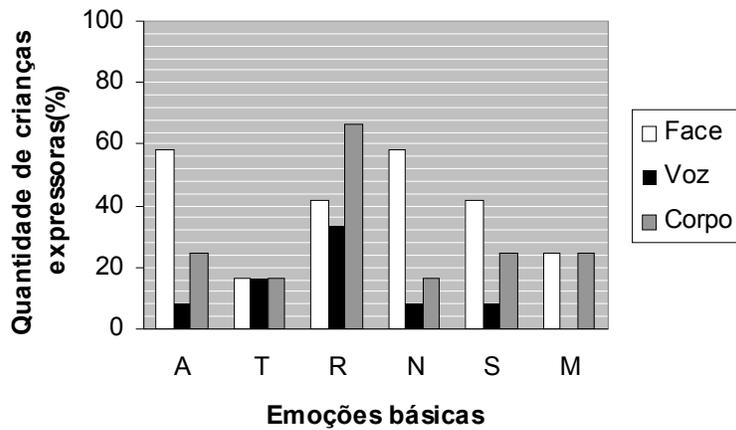
**Expressões emocionais registradas:** as expressões de alegria, tristeza, nojo, raiva, medo e surpresa foram observadas na face, na voz (sons exclamativos e gritos) e no corpo (erguer-se, deitar-se e encolher-se).

**Análise Estatística:** os resultados foram apresentados em frequência de ocorrência dos comportamentos não-verbais descritos acima e pelo número de sujeitos que produziram as emoções em cada um dos canais comunicativos (face, voz e corpo). As comparações dentro dos grupos e entre eles, foram feitas pelo teste de Qui-quadrado com nível de significância igual ou inferior a 5% (Siegel, 1975). Esta prova estatística é adequada para analisar dados referentes ao número de indivíduos ou frequência de comportamentos que se enquadram em várias categorias (canais não-verbais de emoções, categorias de comportamentos interativos não-verbais). Este teste verifica se há ou não diferença significativa entre os números obtidos de casos na categoria determinada e os números esperados nos mesmos casos. A prova de Qui-quadrado presta-se a uma amostra ou duas amostras independentes (grupos distintos).

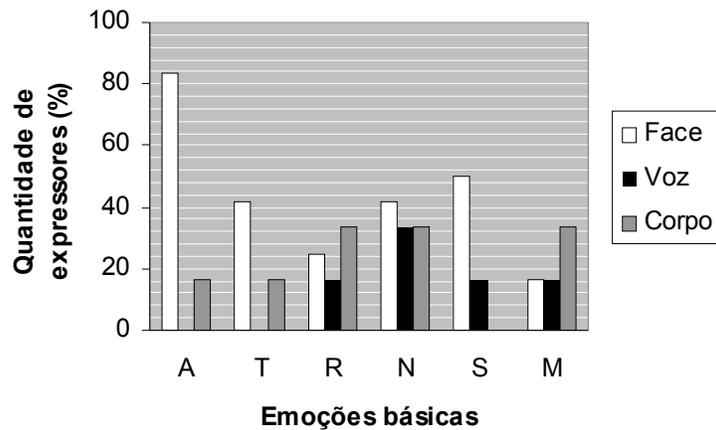
## **RESULTADOS**

**Figura 1** - Produção de emoções básicas em deficientes visuais em três canais distintos: face, voz e corpo. Emoções básicas: A: alegria, T: tristeza, R: raiva, N: nojo, S: surpresa e M: medo.

### Produção de emoções básicas em crianças deficientes visuais (n=12)

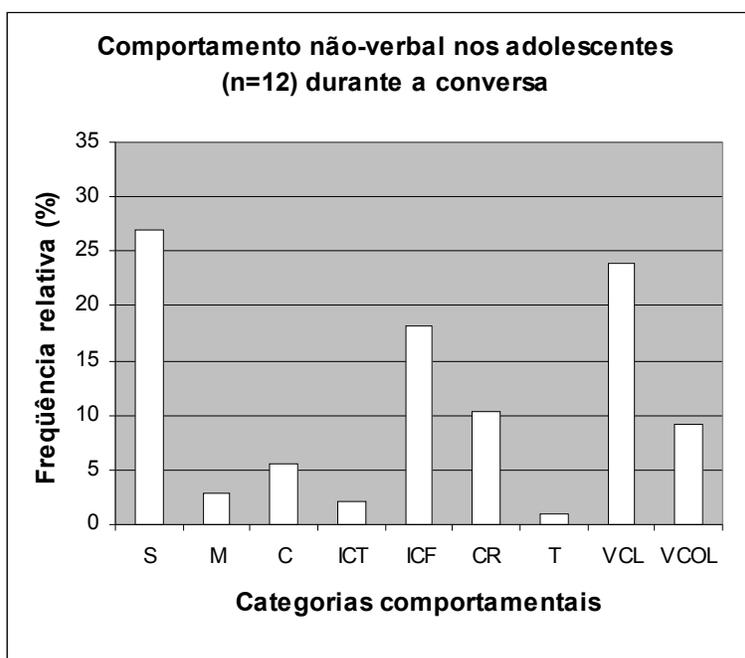
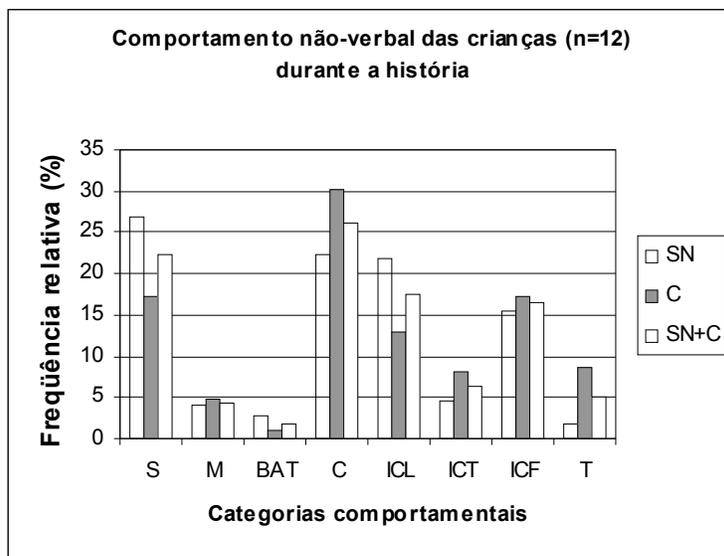


### Produção de emoções básicas em adolescentes deficientes visuais (n=12)



### Produção de emoções

A distribuição dos sinais emocionais na face, na voz e no corpo todo permitiu diferenciar as emoções básicas, tanto nas crianças como nos adolescentes. A produção de emoções ocorreu na seguinte ordem decrescente: face, corpo todo e voz. Na Figura 1 verificou-se um maior número de sujeitos que expressam alegria, principalmente, na face e a raiva, predominantemente, no corpo. O comportamento vocal ocorreu na raiva (gritar) e no nojo (dizendo “eca!”).



**Figura 2** - *Comportamento não-verbal de deficientes visuais (SN: visão subnormal; C: cegueira). Categorias comportamentais: S: sorriso, M: meneio da cabeça, BAT: sinais-batuta, C: movimentos do corpo, ICL: inclinação lateral da cabeça, ICT: inclinação para trás da cabeça, ICF : inclinação para frente da cabeça, T: toque, VCL: virar cabeça para o parceiro, VCOL: virar cabeça para o outro lado.*

## CONCLUSÃO

Na deficiência visual, os sinais comunicativos e produzidos nas diversas categorias emocionais distribuíram-se diferencialmente, prevalecendo a face na alegria, o corpo e a voz na raiva das crianças e indistintamente face-corpo-voz no nojo e na raiva dos adolescentes. Mostrou-se nesse trabalho uma integração dos sinais emocionais na face, corpo e voz. Nos gestos espontâneos, as freqüências de sorriso e de inclinar a cabeça para frente, que expressam interesse na interação social, preponderaram em ambos os grupos.

A inclinação lateral da cabeça nas crianças é um gesto que pode facilitar julgamentos sociais positivos por regulador não-verbal que mantém a comunicação, e os sinais-batuta, ilustradores não-verbais que acompanham a fala, foram esporádicos ou nem apareceram nas conversas. O gesto de inclinar a cabeça para a frente, que ocorreu em ambos os grupos, é comum em deficientes visuais. Inclinar a cabeça para trás foi inexpressivo e o virar a cabeça para o lado oposto ao do parceiro, presente nos adolescentes, poderia causar uma impressão desfavorável se fosse mais freqüente.

***Surpreendente foi a reduzida freqüência de toque entre os participantes, um canal comunicativo que poderia substituir o contato de olhar entre os deficientes visuais. De modo geral, ambos os grupos expressaram-se bem e com certas particularidades que merecem pesquisas adicionais de observação sistemática do comportamento não-verbal.***

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**ARGYLE, M. *Bodily communication***. Madison: International Universities Press, 1988.

**CASTANHO, A R.S.P. *A face de crianças deficientes visuais: expressões de emoções e percepção social de seus sorrisos***. 1996. 97 p. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

**CASTANHO, A R.S.P. & OTTA, E. *Decoding spontaneous and posed smiles of children who are visually impaired and sighted***. *J. Visual Impairm. Blindness*, v.93, n.10, p.659-992, 1999.

**EIBL-EIBESFELDT, I. *Human ethology***. New York: Aldine de Gruyter, 1989.

**EKMAN, P.& FRIESEN,W.V. *The facial action coding system***. Palo Alto: Consulting Psychologists Press, 1978.

**EKMAN, P.& FRIESEN,W.V. *The repertoire of nonverbal behavior: categories, origins, usage, and coding***. *Semiotic*, v.1, p.49-98, 1969.

**ERIN, J.N. et al. *Are social skills teachable? A review of the literature***. *J. Visual Impairm. Blindness*, v.85, n.2, p.58-60, 1991.

**KNAPP, M.L. *Nonverbal communication in human interaction***. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

**MORRIS, D. *Você***. Trad. Manoel Paulo Ferreira e Fernando Nuno. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

**OTTA, E. *O sorriso e seus significados***. Petrópolis: Vozes, 1994.

**SIEGEL, S. *Estatística não-paramétrica para as ciências do comportamento***. Trad. Alfredo Alves de Farias. São Paulo: McGraw-Hill, 1975.

**TOMPSON, J. *Development of facial expression in blind and seeing children***. *Arch. of Psychol.*, n.264, p.1-47, 1941.

**WALLBOTT, H.G., RICCI-BITTI, P., BÄNNINGER-HUBER, E. *Non-verbal reactions to emotional experiences***. In: K.R. SCHERER,

**WALLBOTT, H.G., SUMMERFIELD, A.B., (Eds.), *Experiencing emotion: a cross-cultural study***. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p.98-116.

***Antonieta Ribeiro da Silva Prates Castanho é Mestre e Doutora em Psicologia Experimental pelo Instituto de Psicologia da Universidade***

**de São Paulo - USP. É docente das Universidades Veiga de Almeida/RJ e Estácio de Sá/RJ e do Centro Educacional Fluminense/RJ.**

**Ana Carolina Basílio Moitrel, Elisa Severiano e Vanessa Rocha Ribeiro são alunas da graduação do Curso de Psicologia da Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro/RJ.**